

*Copyright © 2013 by
Autor: Felipe Lucena
Capa: Yuri Santana Corrêa
Diagramação: Yuri Santana Corrêa
Revisão: Camila Gomes
Os personagens desta obra são reais.
No entanto, seus nomes foram
alterados pelo autor.*

Histórias de um boteco Verdinho.

Relatos reais e surreais em doses
baratas e profundas.

“COMER É UMA NECESSIDADE DO ESTÔMAGO;
BEBER É UMA NECESSIDADE DA ALMA”

Vitor Hugo, escritor francês

Sumário:

Prefácio por Jéssica Machado
Desce uma: sóbria introdução sobre o livro,

	Pag.
Quero embriagar-me com teus beijos.	13
- Essa mulher: a garota que era casada com um desodorante,	15
- A canalha,	19
- Veja você, a gente só queria um amor,	23
- Me ama no chão,	27
- Essa moça está diferente: tarada do banheiro,	31
Mais uma dose (de personagens).	35
- Homem que fugiu do motel para tomar uma,	37
- Cantor, dançarino, motorista de ônibus e, principalmente, bebedor,	41
- Homem que nunca pagou uma conta,	45
- Um generoso dono,	49
- O assassino mais lindo da mamãe,	53
- Eterno bêbado,	57
- Padre bom de taça,	61
- Mais macho que muito homem,	65
- Garçonete que só atende homens,	69
- Lésbica pegadora	73
Ah, vida real, como é que eu troco de canal?	77
- Onde está o Wally,	79
- Importância social do álcool,	83
- Que faço eu da vida sem você?,	87
Afasta de mim esse cálice.	91
- Bar fechado, vamos protestar,	93
- Não falem do Botafogo, nem da Viradouro,	97
- O gostinho da nova revolução sexual (casamento),	101
- Fonseca e a indústria da seca,	105
- País rico é país sem ressaca,	109

Prefácio por Jéssica Machado

Considero um privilégio ter conhecido e frequentar o Verdinho. Lá vejo histórias divertidíssimas e conheço pessoas incríveis.

Na primeira vez que fui, conheci um sambista que tinha um caso com uma mulher comprometida, ele estava apaixonado, bebendo sozinho. Puxou conversa com a gente e cantou seus sambas pra nós. Naquele dia decidimos: temos que voltar aqui!

O povo do Verdinho é um povo alegre, receptivo, simples e gentil. Certa vez ficamos quase uma hora tentando sair de lá, porque cada vez que tentávamos nos levantar alguém pagava uma cerveja pra gente.

E o Rabo de Galo? Como não falar do Rabo de Galo? Felipe diz: ir no Verdinho e não tomar um Rabo de Galo é como ir no puteiro e não comer uma mulher! Ele mesmo apelidou nosso querido drink, “diabo no copo”!

Mas o nosso não é esse com cachaça e vermute, lá o Rabo de Galo consiste na mistura de todas as bebidas destiladas do balcão.

Tem dias que misturamos umas quatro, outros que colocamos sete ou mais.

Mas como cada um de nós temos histórias tristes com algumas dessas bebidas, ultimamente o Rabo de Galo tem sido com quatro ou cinco...

Isso levanta até defunto! E normalmente derruba quem está de pé. Meses atrás o Verdinho, fechou. Ficamos desesperados, mas para nossa alegria era só uma reforma e o nosso boteco voltou com sua força de sempre funcionando de segunda a segunda, com cerveja gelada e gente animada.

Lá tem o karaokê mais generoso do mundo, que nunca dá notas abaixo de 90 e elogia os cantores com mensagem como: parabéns, você é profissional. E só fecha bem depois que o sol nasce, lá pelas sete da manhã...

No Verdinho eu comemorei meu aniversário, participei de um casamento, consolei uma mulher que chorava... Ela me contou que se achava feia e estava triste, pois seu filho acabara de se formar e ela não pôde comparecer à cerimônia. Depois descobrimos que seu filho tinha terminado apenas o ensino fundamental, menos mal! Eu a confortei, ainda haveriam outras formaturas dele que ela com certeza ia estar presente.

Nos considero sortudos, pois numa época em que todos os bares querem ser requintados e chiques. Nós temos o Verdinho, que é um boteco de verdade, modesto como os primeiros botequins, com seus fregueses assíduos que são atendidos como amigos, garçõete camarada e um dono muito gente boa que toda noite cumprimenta seus clientes, conhecidos e os novos. Dá vontade de morar lá!

Desce o primeiro rabo-de-galo

Viver é esperar uma vida melhor, e a vida não é cor-de-rosa. A vida é verde. Cor da verdade. Cor da esperança. Verde é também a cor do bar onde se passaram as histórias contadas neste livro mal-escrito. Algumas ainda se passam, outras, como as de amizade, nunca passarão. E foram elas que me inspiraram a contar tudo o que vimos e sorrimos. O Verdinho é um bar que fica em Jacarepaguá, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. A bem da verdade, Bar é bondade de quem escreve: o Verdinho é um boteco, embora seu letreiro o defina como “bar e restaurante”. Boteco, com tudo o que há de bom ou ruim nessa denominação. A região que abriga nosso botequim não é poética como a Zona Sul ou a Lapa. No entanto, apesar de seu aspecto meio sujo, o Verdinho atrai os mais variados tipos de pessoa, que levam suas histórias para sentar em cadeiras de plástico e beber uma cerveja gelada ou uma dose de quente.

Não sei exatamente o motivo que leva um lugar tão ralé a atrair tanta gente diferente, com tantas vivências distintas. Talvez seja a localização (o Verdinho fica praticamente no cruzamento de três das mais importantes vias do bairro, que servem de passagem para pessoas que vão aos mais variados locais), mas pode ser também o Karaokê, sempre no último volume e muitas vezes com boas vozes. O fato de o bar estar sempre cheio também deve chamar a atenção de quem passa e não conhece o local. A cerveja, gelada e barata, pode ser um atrativo. A minha opinião é que o Verdinho tem uma energia única. Indecifrável e embriagadora, como essa tal de vida.

Minha relação com o bar começou antes de eu começar a beber de fato. Eu e meus amigos (Jéssica Machado, Bruno Riwanely, Camilla Abreu e Gabriel Santos Neto, o CDD) saíamos da escola, que fica perto do bar, e íamos tomar uma Coca-Cola. O que não sabíamos era que o inocente ato de sentar naquelas cadeiras viraria uma rotina anos depois, mas não mais para tomar refrigerante.

Como nem todos do grupo moram tão perto – ainda que no mesmo bairro – do bar, o Verdinho passou a ser um ponto de encontro para o “aquecimento” de nossos jovens e ainda potentes figados, que, posteriormente, nos levarão a festas em outros lugares mais distantes.

Nesses “aquecimentos”, tomamos gosto e outras coisas no e pelo local. Por vezes, o Verdinho deixou de ser só um ponto de encontro para ser o ponto final de nossas etílicas noitadas. A consequência disso, além das ressacas, foi a presença de novos amigos. Alguns da minha infância, como o Rodrigo Vieira, o Douglas Bernardino e meu irmão, Fagner. Outros, da infância do Bruno e de seu irmão, Rodrigo Marques; Leandro Lapa, “Bigode” e Rodrigo Francisco. Agregados como Priscilla, Luíza, Rayane e Lana também preenchiam as cadeiras, e tantas outras pessoas que não poderia citar, por mera falta de espaço no livro, mas jamais no coração.

Gente é a melhor pedida do Verdinho. Como escrevi antes, chega a ser chocante a heterogeneidade de seus frequentadores. Todos os tipos de personagens, reais e surreais, tomam uma por lá. E entre uma dose de cerveja e de rabo-de-galo, eu e meus amigos passamos a fazer parte do livro pessoal de cada um.

Rabo-de-galo, para quem não sabe, é uma mistura de todas as cachaças que tem no bar. Ir ao Verdinho e não tomar um desses é como vir ao Rio de Janeiro e não ver o Redentor.

Bem, espero que gostem das histórias – todas verdadeiras –, que serão contadas nestas páginas. Algumas são cômicas, outras, mesmo que tenham se passado em um ambiente festivo, revelam, tal qual a de um rabo-de-galo, a amargura que a vida pode ter.

Capítulo um: Quero embriagar-me com teus beijos

1- Essa mulher: a garota que era casada com um desodorante